

Peça tem texto e atuação da poeta e ativista dos direitos humanos Mitzi Amado

A dramaturgia de “Memória – No Limiar do Juízo Final” aborda o universo feminino para falar de amor e desamor, solidão, maternidade, envelhecimento e culpa a partir da história de uma mulher que é várias, tão paradoxal quanto complexa e improvável. Presa ao passado e temendo o futuro, se vê atormentada pelos fantasmas da sua mente, que a torturam com lembranças, cobranças e avaliações. Mais do que falar de relações, a peça discute sobre como romper o ciclo de repetição de padrões habituais que se propagam de geração para geração e reflete sobre o relativismo do certo ou errado e a transformação das relações na passagem do tempo.

No centro da cena de “Memória – No Limiar do Juízo Final” está a poeta, atriz, autora e diretora teatral Mitzi Amado, que é também empreendedora social e ativista dos direitos humanos desde os 19 anos. É ela quem nos conta a respeito da obra em questão:

“O solo trata de uma mulher real e possível, apesar de todas as idealizações que marcam a figura feminina através da história da humanidade. É uma perspectiva sobre o ser feminino a partir do ser feminino e também de uma maternidade fora das convenções. São as histórias e dramas existenciais de uma mulher. Todas elas, todas nós, erradas, falhas, imperfeitas e reais, que temem o envelhecimento, a doença, a morte e sentem culpa pelos erros do passado. As angústias dela, conscientes e inconscientes, as faladas e as silenciadas, são também minhas e podem ser a mola propulsora para a liberdade”, revela a autora e atriz Mitzi Amado.

Mitzi revela também que encontrou motivação para o tema



Peça traz uma mulher que descobre a potência da sua existência

“Memória - No Limiar do Juízo Final” no Teatro Glauce Rocha

pelo simples fato de ser mulher em uma “sociedade macha”, diariamente precisando se colocar como mulher detentora de uma miríade de possibilidades de escolhas e não apenas as já arquitetadas, encaixotadas:

“Tenho que me deparar com o olhar julgador e condenador de uma sociedade injusta e patriarcal. Reafirmar a mulher plural tornou-se missão de vida. Os corpos são plurais, as maternidades são plurais, as formas de amar e sofrer são plurais. Comportamentos, desejos, angústias, feminilidades, todos plurais e diversos”, comenta Mitzi.

A encenação se desenvolve, a partir da criação de um ambien-

te simples que remete ao inconsciente de uma mulher, utilizando poucos objetos em cena e muita imaginação. A atmosfera se apoia no claro-escuro da luz, nas projeções de vídeos de diferentes épocas da vida da personagem e na magia de uma trilha sonora original. Os conflitos internos do personagem se sucedem, alternando momentos dramáticos com outros bem humorados ou poéticos, em um ritmo dinâmico e diversificado.

“É a reconstituição da vida de uma mulher a partir de suas relações com a sua mãe, com a sua filha e com seu ex-marido, além da evocação de recordações esparsas

de fatos e pessoas do passado que marcaram a sua trajetória. As memórias surgem em recortes que compõem um mosaico de uma vida em busca de uma identidade, onde os conflitos se sucedem em busca da superação para inaugurar novos ciclos de vida, em um jogo de fragmentos vivos de memória. Este jogo estabelece um processo de auto-julgamento, onde não há verdades e nem mentiras. O que herdou de sua mãe? E o que entregou para sua filha? O que a espera? O que se revela?”, comenta o diretor Delson Antunes.

O impacto artístico da obra é ampliado pela utilização de linguagens artísticas para além do teatro:

a fotografia e a poesia, principalmente. Manifestam-se pela projeção visual e presença física de fotografias originais em P&B do final do século XIX e início do século XX e inserções sonoras de vozes de mulheres diversas declamando poesias fragmentadas, que se integram harmonicamente ao texto da peça. Além disso, especialmente em dois momentos de catarse da personagem, as palavras são substituídas por sequências ou frases de movimentos corporais, que traduzem seu estado emocional para além das palavras, tendo como base de trabalho para esse processo criativo de movimentação corporal, a dança contemporânea.